

EDITORIAL

A organização da Associação Brasileira de Leprologia veio preencher uma lacuna e concretizar as aspirações daqueles que se dedicam ao problema da lepra em todos os seus setores de atividades.

Fundada em 19 de novembro de 1948 tem por fim, como determinam seus Estatutos, congregar os leprologos brasileiros para os estudos referentes ao Mal de Hansen, visando também o seu aperfeiçoamento, cultura, defesa, orientação técnica e confraternização.

O programa de atividades da A.B.L. abrange, entre outros, os seguintes pontos: sessões, periodicamente, para estudo dos assuntos relativos á lepra ou de interesse da classe dos leprologistas; realização de congressos e conferências sobre leprologia; colaboração com os poderes públicos e instituições particulares na campanha contra a lepra; instituição de concursos para estimular a produção científica na especialidade; intercambio cultural com associações congeneres; divulgação dos serviços de profilaxia da lepra com o objetivo de por em evidência a significação social e económica do problema; difusão dos conhecimentos leprologicos e publicação de uma revista especializada.

Quanto á ultima parte do programa, a Associação Brasileira de Leprologia não tendo ainda recursos suficientes para manter um periódico próprio, foi resolvido, após feliz entendimento com a Sociedade Paulista de Leprologia a publicação especializada editada regularmente desde 1934, passasse a ser também órgão oficial da A.B.L. com fundamento no artigo 44 de seus Estatutos.

Uma publicação com os méritos da Revista Brasileira de Leprologia representa, sem duvida, um meio preponderante e privilegiado de divulgação das nossas atividades, de nossas pesquisas, em fim, de nossa cultura no dominio de uma das mais ingratas especialidades.

A Associação Brasileira de Leprologia que nasceu sob o mais auspicioso signo, teve logo da parte da Sociedade Paulista de Leprologia o mais decidido, real e eficiente apôio num nobre gesto de cooperação e lidima camaradagem, mercê do elevado espírito de compreensão de seus dirigentes.

Nesta nova fase a Revista espera contar cada vez mais com os esforços conjugados de seus colaboradores em todos os seus ramos.

A sua direção merece especial referência pela diligência continuada e eficiente que vem dispendendo para mantê-la em, alto nível de apresentação: Empreendimentos dessa natureza exigem grande capacidade de trabalho com considerável desdobramento de energias e acendrado amor à causa que todos estamos empenhados para livrar o nosso país de um dos grandes flagelos da humanidade.

Rio de Janeiro, Março de 1949.

DR. ERNANI AGRICOLA
Presidente da Associação
Brasileira de Leprologia.

A NOVA TERAPÊUTICA DA LEPROA

Jornais leigos, ultimamente, têm se encarregado de tecer em torno da nova terapêutica da lepra pelas Sulfonas, uma propaganda verdadeiramente prejudicial, pelo exagero dos conceitos que divulgam.

Não se discute que as sulfonas são muito mais ativas que a clássica terapêutica pelo Chalmugra, que já se deu um grande passo na solução desse transcendental problema, que os resultados até agora obtidos justificam as esperanças que nelas depositam doentes e médicos. Mas daí concluir que o problema do tratamento da lepra esteja solucionado, que a medicação é infalível, vai uma grande distância. Muito se avançou, espera-se que muito mais se avance ainda, mas em absoluto se chegou à terapêutica ideal. O tempo de observação é pequeno e se muitos doentes isolados obtêm sua transferência para tratamento ambulatorio, não se pode ainda concluir pela solução do problema terapêutico. Por outro lado, bem se conhece o fato de que às melhores clínicas nem sempre corresponde uma melhora baciloscópica; que o bacilo, embora modificado em suas características morfológicas e tintoriais, permanecem mais longamente impondo a continuidade da terapêutica; que o estado imunitário somente em casos excepcionais se modifica: que os estados reacionais não se modificam facilmente, alertando os médicos no sentido de conclusões extremadas e precipitadas.

Por isso mesmo, dizer-se que já se atingiu o ideal em matéria terapêutica, além de falso, é sumamente prejudicial à campanha pro-

filática. A agitação no meio hospitalar, o desejo natural e humano de uma intempestiva transferência para tratamento ambulatório, pode acaretar, mais mal que bem, não só a campanha da profilaxia da lepra, como aos próprios enfermos.

Torna-se absolutamente necessário que os leprólogos que têm responsabilidade, se incumbam de pôr as cousas em seu devido lugar, e em seus devidos termos, de modo que os conceitos que todos nós temos da nova terapêutica, não sejam deturpados por um sensacionalismo jornalístico, que poderá vir prejudicar futuras conclusões.

Seria de tôda conveniência que as autoridades responsáveis pela profilaxia da lepra nos Estados e a Direção do Serviço Nacional de Lepra, emitissem uma nota conjunta, elucidando o povo de modo geral e os doentes de modo particular, sobre o uso das sulfonas, seus reais efeitos, os cuidados necessários e indispensáveis ao seu emprego, e sobretudo, da necessidade absoluta que seja o tratamento feito sob contróle médico, sem prejuizo das medidas de ordem profilática.